



Título: NARRATIVAS DE OUTROS BRASIS

Autores: Jandir Santos e Juliana Pereira

Orientadora: Isabel Monguilhott

Escola: Colégio Municipal Maria Luiza de Melo

Professor da turma: Adriana Soares de Souza

Ano: 2º (2015)

Contextualização do projeto: O tema do projeto surgiu a partir do tema “Pluralidade Cultural” adotado pelo PPP da escola para o ano de 2015 e como forma de dar continuidade ao trabalho iniciado pela professora regente da turma. A docente iniciou o trabalho com a pluralidade cultural partindo do contexto local dos estudantes em direção ao contexto mais amplo, dessa forma a ideia dos estagiários foi dar espaço para outros aspectos da pluralidade cultural brasileira que não tinham surgido nas aulas até então: a cultura nordestina e afro-brasileira. Foram desenvolvidas atividades de escrita em diversos gêneros, leitura de textos em diversos gêneros sobre o tema do projeto, discussões sobre os textos lidos e debates sobre o tema abordado ao longo das aulas, além de reflexões sobre a língua a partir das produções dos estudantes. O fechamento do processo de ensino e aprendizagem foi feito através de um varal literário e com a socialização oral das produções dos estudantes.

Cronograma: Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aula	H/A	Conteúdo
1	1	Pluralidade cultural: a cultura afro-brasileira.
2	1	O olhar sobre a cultura afro-brasileira. Oralidade.
3	1	Os afrodescendentes no Brasil. A religiosidade afro-brasileira. Leitura.
4	1	Religiosidade afro-brasileira. Música Popular Brasileira.
5	1	Contexto da religiosidade afro-brasileira. Sincretismo religioso.
6	1	Etnocentrismo. Preconceito racial.
7	1	Produção textual.
8	1	A questão marginal. O nordeste brasileiro.
9	1	A questão marginal. Arquétipos. Literatura nordestina.
10	1	A questão marginal. Alteridade.
11	1	A questão marginal. Alteridade. Produção textual.
12	1	A questão marginal. Alteridade. Produção textual.
13	1	A questão marginal. A representatividade negra.
14	1	A questão marginal. A representatividade negra. O nordestino. Produção textual.
15	1	A questão marginal. A representatividade negra. Alteridade. Produção textual.
16	1	Sarau. Oralidade. Criatividade.

Tema referência: produções culturais nordestinas e afro-brasileiras.

Eixo organizador do ensino: escrita e reescrita de textos sobre o tema trabalhado; o trabalho com a leitura através dos materiais selecionados sobre o tema; o exercício da oralidade a

partir da leitura oral e discussões sobre os materiais lidos; e o trabalho com a análise linguística a partir dos textos escritos pelos próprios estudantes.

Objetivos: Possibilitar o contato com outras possíveis formas de dizer e vivenciar o mundo, através de produções textuais afro-brasileiras e nordestinas, promovendo o contato com a alteridade, o Outro na cultura e sociedade brasileiras, reconhecendo o lugar de marginalidade a que essas culturas foram e estão sendo submetidas.

Com relação à leitura: Ampliar o repertório literário e desenvolver a capacidade interpretativa, a autonomia na compreensão dos textos a serem lidos e o olhar crítico acerca do que se lê.

No que se refere ao ensino da escrita: Aprimorar a escrita, assumindo a palavra para se posicionar acerca dos temas discutidos durante as aulas.

Quanto à análise linguística: Reconhecer que as próprias produções têm um significado e que elas se constituem em ponto de partida para buscar soluções para erros recorrentes, tendo em vista o aprimoramento das capacidades de escrita.

No que tange à oralidade: Reconhecer a sala de aula como ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões, participando ativamente das atividades que envolvem o uso oral da língua.

Metodologia: Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

Aula 1 (1h/a)

Iniciar a aula com a distribuição das cópias do texto que apresenta o projeto (anexo 1). Fazer a apresentação do projeto a partir da leitura do texto entregue, destacando os objetivos, o tema e a metodologia de avaliação.

Retomar o conteúdo sobre pluralidade cultural, lembrando os(as) alunos(as) acerca das peculiaridades das lendas de Florianópolis, e chamando a atenção para o fato de que há muitos outros mitos e lendas em todo o país¹.

Organizar a turma em círculo e promover uma dinâmica: dentro de uma caixa, haverá 25 imagens (anexo 2) representativas de manifestações culturais afro-brasileiras e cada aluno(a) deverá pegar uma, de modo aleatório e sem a possibilidade de ver as imagens para escolher. Orientar os alunos a, depois de retirar uma imagem da caixa, não mostrá-la a ninguém e a permanecer em silêncio contemplando-a.

Após alguns minutos de silêncio, orientar os alunos e as alunas a escrever sobre a imagem, utilizando como guia um roteiro de perguntas (anexo 3). As imagens estarão repetidas, então mais de um(a) aluno(a) pegará a mesma, de forma que será possível perceber as diferentes visões sobre uma mesma representação.

A atividade escrita sobre as impressões acerca da imagem deverão ser entregues neste mesmo encontro e socializadas na aula seguinte.

Aula 2 (1h/a)

Solicitar aos(as) discentes que socializem oralmente a atividade escrita da aula anterior manifestando suas impressões acerca das imagens.

Após todos compartilharem suas ideias, discutir sobre o que há de comum nelas: de que forma enxergamos a cultura africana?

Propor aos estudantes que escrevam em casa para a próxima aula respondendo a seguinte pergunta: o que você conhece sobre a mitologia africana?

Aula 3 (1h/a)

Convidar os(as) estudantes a expor o resultado da atividade solicitada no encontro anterior sobre o que conhecem da cultura africana.

¹ Como a professora regente da turma já vinha trabalhando o tema “Pluralidade Cultural”, os estagiários decidiram tomar as discussões feitas em aulas anteriores como ponto de partida para o desenvolvimento do projeto.

Introduzir conteúdo sobre a vinda dos africanos para o Brasil, distribuindo o mapa de tráfico de escravos² e fazer a identificação das regiões de maior influência africana.

Logo em seguida, questionar os(as) estudantes sobre que elementos eles conhecem acerca da região nordestina e perguntar o que já ouviram falar sobre o Candomblé.

Distribuir cópias do conto “O dia em que o arco-íris estancou a chuva”, de Reginaldo Prandi³ e realizar uma leitura dramatizada.

Após, introduzir aspectos da religiosidade afro-brasileira, focando na formação do Candomblé por meio de *slides* (anexo 4). Questionar os(as) estudantes acerca do conhecimento que tinham sobre a mitologia Yorubá partindo do seguinte questionamento: O que você sabia e o que mudou?

Aula 4 (1h/a)

Distribuir letras das músicas selecionadas aos(às) estudantes. Ouvir uma por vez as músicas “Canto do Xangô”, de Vinicius de Moraes e Baden Powell; “Tributo aos Orixás”, de Clara Nunes; e “A bênção, Bahia, de Vinicius de Moraes e solicitar que enquanto ouvem os(as) estudantes acompanhem as músicas com a letra. Perguntar aos(às) alunos sobre o que eles identificam nas músicas: como são os instrumentos? Sobre o que fala a letra?

Questionar se conheciam essas músicas e se conhecem outras que também tratam da cultura afro-brasileira. Indicar que se sintam à vontade para trazer referências na próxima aula.

Aula 5 (1h/a)

Retomar com os(as) estudantes a conversa da aula anterior sobre a influência africana na música popular brasileira, salientando a importância da cultura africana para a cultura nacional.

² O mapa entregue pelos estagiários aos alunos está disponível em: http://1.bp.blogspot.com/_KMwqm4cU9hA/SCyrtj0AHhI/AAAAAAAAACs/8rHGszscPP0/s1600-h/Mapa+do+tr%C3%A1fico.jpg. Acesso em: 21.06.2021.

³ O conto entregue aos alunos pode ser acessado em: <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe/trecho.php?codigo=40319>. Acesso em: 21.06.2021.

Distribuir cópias do poema “Meu rosário”, de Conceição Evaristo⁴, e solicitar que os(as) estudantes se voluntariem a ler o poema em voz alta. Após a leitura, questionar os(as) estudantes: do que trata esse poema de Conceição Evaristo? A partir da leitura iniciar uma discussão sobre o sincretismo religioso como estratégia de resistência, questão presente no poema “Meu rosário”.

Distribuir cópias do poema “Odo Xererê, Odoyá, Iemanjá”, de Esmeralda Ribeiro (anexo 5)⁵, solicitar que os alunos se voluntariem para fazer a leitura. Interpretar o poema com os(as) discentes, a partir de roteiro de perguntas (anexo 6).

Encaminhar atividade de produção textual sobre a cultura afro-brasileira (anexo 7). Recolher as produções nesta aula mesmo que não estejam finalizadas.

Aula 6 (1h/a)

Distribuir cópias do poema “África mãe”, de Elio Ferreira (anexo 8)⁶ e solicitar que os(as) discentes se ofereçam a fazer a leitura em voz alta. Interpretar o poema com os(as) estudantes, procurando observar a crítica que o poeta faz.

Após a conversa, assistir ao vídeo “O perigo de uma história única”, palestra proferida por Chimamanda Adichie⁷. Questionar os(as) alunos sobre suas impressões acerca do vídeo;

Discutir sobre a ideia de etnocentrismo promovendo um debate sobre o preconceito: que histórias sobre a África e sobre a cultura afrobrasileira chegam a nós? Quais as implicações da forma como essas histórias são contadas?

Após as discussões, dar espaço para a continuação da produção textual solicitada no encontro anterior. Auxiliar os(as) estudantes no momento da escrita. Ao final, recolher as produções.

⁴ O poema entregue aos alunos está disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/11-textos-dos-autores/924-conceicao-evaristo-meu-rosario>. Acesso em: 21.06.2021.

⁵ O poema entregue aos alunos não é facilmente encontrado na internet, por essa razão optou-se por disponibilizá-lo nos anexos.

⁶ O poema entregue aos alunos não é facilmente encontrado na internet, por essa razão optou-se por disponibilizá-lo nos anexos.

⁷ Disponível em: <https://youtu.be/D9Ihs241zeg>. Acesso em 21.06.2021

Aula 7 (1h/a)

Relembrar os(as) estudantes da importância da produção textual solicitada e encaminhar continuação da escrita. Ao final recolher as produções.

Aula 8 (1h/a)

Reproduzir trecho célebre do filme O Auto da Compadecida (2000), baseado na obra homônima de Ariano Suassuna, no qual o personagem João Grilo está sendo julgado no Purgatório, até antes do desfecho da cena.

Solicitar aos alunos que opinem sobre a culpa do marginal João Grilo. Exibir a cena final do julgamento, na qual Nossa Senhora intercede por João Grilo, mostrando o outro lado da história do sertanejo e perguntar novamente aos alunos sobre seu posicionamento após a intercessão de Nossa Senhora.

Aula 9 (1h/a)

Distribuir um trecho da peça de Ariano Suassuna (anexo 9). Realizar a leitura dramática do texto, impresso ou exibido com o auxílio do projetor multimídia.

Após a leitura, promover uma discussão sobre o posicionamento de João Grilo.

Destacar como o mesmo comportamento é mostrado por personagens dos mais diversos folclores e culturas, como Loki na mitologia nórdica, Hermes na mitologia grega, Tom Sawyer, personagem criado pelo autor Mark Twain, e até mesmo no famigerado “jeitinho brasileiro”.

Aula 10 (1h/a)

Retomar a discussão das últimas aulas.

Convidar os alunos a refletirem sobre o conceito de marginalidade social e cultural, pontuando que a margem se produz em relação àquilo que está no “centro”. Traçar no quadro um ponto e denominá-lo de “centro”, depois, pedir que os alunos apontem figuras de nossa

cultura que poderiam ser identificadas de alguma forma como marginais, tais como: “pobre”, “criminosos”, “afro”, “prostituta”, “mulher”, “homossexuais”. Em seguida, retomar o filme questionando: onde João Grilo se encaixaria?

Em seguida, apresentar outras personagens marginais da realidade brasileira, tais como Pedro Malazarte, concebido pelo dramaturgo Camargo Guarnieri, as figuras folclóricas do Saci e as bruxas de Florianópolis, chamando a atenção dos alunos para produções artísticas e culturais que não são consideradas pelo público e pela crítica em geral.

Aula 11 (1h/a)

Iniciar a aula com uma retomada das discussões dos últimos encontros.

Orientar os alunos a produzirem um pequeno texto expressando sua posição sobre marginalidade e invisibilidade social e cultural, retomando as reflexões sobre João Grilo e os demais personagens que foram apresentados nas aulas anteriores.

Ao final recolher os textos para correção.

Aula 12 (1h/a)

Convidar os alunos a dividirem suas impressões pessoais sobre a questão da marginalidade discutida em aulas anteriores a partir da socialização oral dos textos produzidos na aula anterior.

Aula 13 (1h/a)

Distribuir as cópias e realizar leitura do poema “Grito Negro”, de José Craveirinha⁸. A partir da leitura relacionar a questão da marginalidade também com a invisibilidade da cultura afro-brasileira, levando os alunos a compreenderem a relação entre o conceito de marginalidade social que provoca a invisibilidade cultural.

⁸ O poema entregue pelas estagiárias aos alunos está disponível em: <https://www.revistapazes.com/grito-negro-por-jose-craveirinha/>. Acesso em: 21.06.2021.

Orientar previamente os alunos sobre a produção criativa que será realizada na próxima aula, um texto de expressão sobre os temas abordados durante as aulas do projeto.

Aula 14 (1h/a)

Solicitar aos alunos um texto de produção criativa sobre um dos temas trabalhados durante o estágio. Explicar que tal produção será exposta em um varal literário em um dos corredores da escola para que a comunidade escolar de um modo geral tenha acesso às discussões realizadas ao longo das aulas por meio dos textos produzidos a partir delas.

Aula 15 (1h/a)

Iniciar a aula com a devolução dos textos corrigidos.

Realizar a análise linguística, em conjunto com os alunos, das inadequações mais recorrentes nos textos escritos pela turma em relação à modalidade escrita da língua.

Encaminhar a reescrita das produções observando os comentários feitos na correção de cada texto e na análise linguística coletiva. Auxiliar no momento da reescrita.

Avisá-los de que a atividade deve ser entregue sem falta na aula posterior, para a socialização no varal literário.

Aula 16 (1h/a)

Entregar as produções dos estudantes, preferencialmente impressas, e os materiais necessários para a produção e montagem do varal literário a ser exposto no corredor da escola.

Dar tempo para que os estudantes preparem suas produções para a exposição, fazer a fixação do varal literário no corredor e à medida que os estudantes forem terminando orientá-los a expor suas produções no varal literário⁹.

Dar um parecer sobre o desempenho geral da turma.

⁹ O varal literário montado pelos estagiários em conjunto com os estudantes pode ser conferido no anexo 10.

Conversar com os(as) discentes sobre os encontros e sobre o projeto, pedindo a eles que avaliem as aulas.

Encerrar o projeto.

Anexos

Anexo 1 - Explicação sobre o projeto

Narrativas de outros Brasis

Chamamos de “Narrativas de outros Brasis” o projeto que iremos executar juntos. Seguindo o eixo temático da pluralidade cultural abordado pela professora Adriana, optamos por trazer “outros Brasis” para a sala de aula para que percebamos o quanto o Brasil é plural, para que conheçamos a natureza mestiça de nossa própria nacionalidade, para que desenvolvamos um olhar mais sensível ao outro que parece tão diferente, mas que nem por isso deve ser vítima de julgamento. Conhecer o outro é eliminar os próprios preconceitos, é minimizar o impulso de segregar que antigas tradições inculcaram em nosso desenvolvimento, é integrar, é viver em sociedade.

Sendo assim, iremos entrar em contato com o marginal do nordeste brasileiro, por meio de obras produzidas naquela região, que tratam da situação do nordestino comum, imerso em folclore e em crenças, condicionado a sobreviver com os talentos que a terra o obrigou a desenvolver. Conheceremos também a luta enfrentada pelo povo africano para, ao mesmo tempo, tentar manter sua cultura viva e sobreviver a um país que ainda os enxerga como bodes expiatórios, mão de obra bruta, cultuadores(as) de demônios e criminosos(as) por definição.

Por fim, conheceremos esses sujeitos que, mais que personagens de uma literatura exótica, são pessoas vivas, pessoas que sofrem, e por sofrerem, são criminalizadas, jogadas à margem por tradições que não respeitam o indivíduo, tradições reproduzidas por cada cidadão(ã) brasileiro(a) que não se mostra sensível ao diferente. Eis o alvo do projeto, esse preconceito, essa violência, por vezes silenciosa, que nutrimos contra quem não entendemos, que faz vítimas diariamente em plena luz do dia.

Anexo 2 - Imagens para a dinâmica



Legenda: Oferenda à Yemanjá



Legenda: búzios



Legenda: Afoche Filhos de Congo, Carnaval, Salvador, Brasil.



Legenda: fio de contas



Legenda: mãe de santo



Legenda: capoeira



Legenda: iniciação ao Candomblé



Legenda: cerimônia a xangô



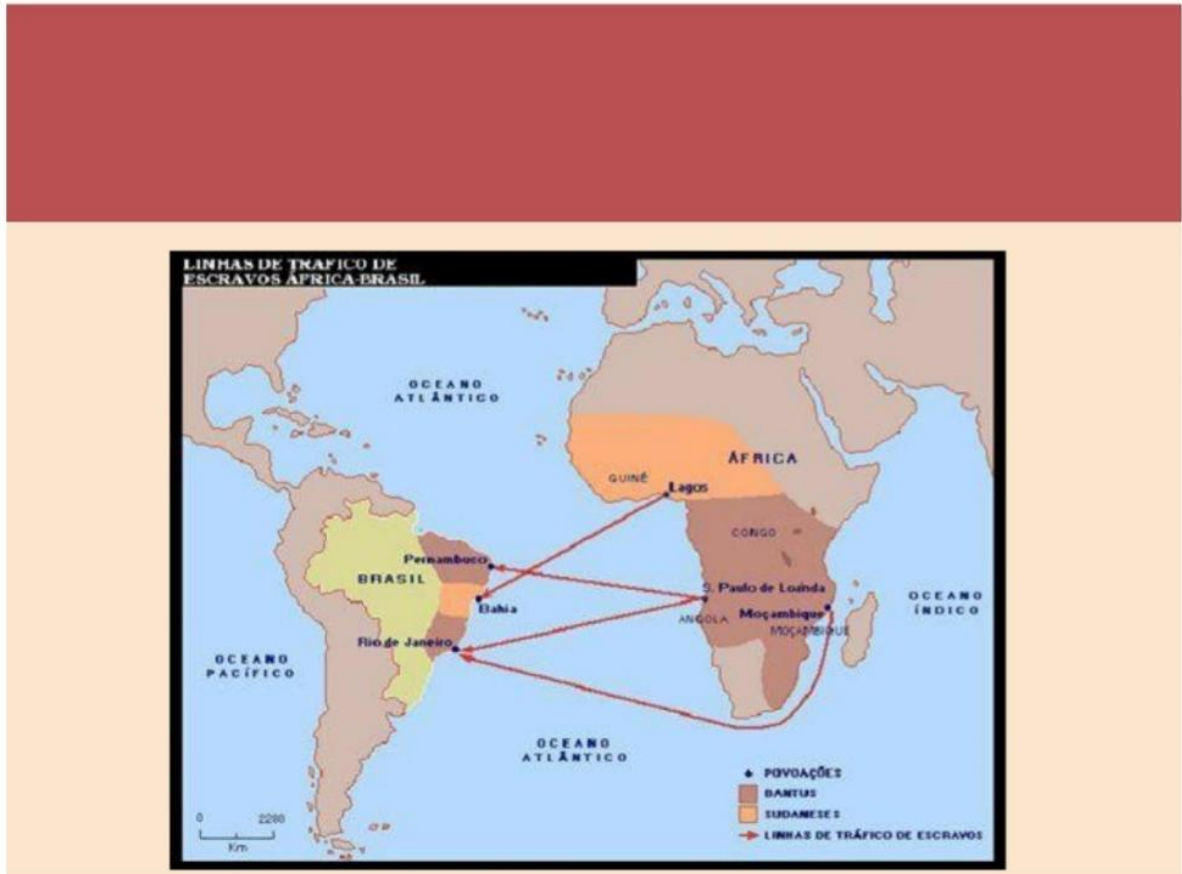
Legenda: Olubajé, ritual ao orixá Obaluaê

Anexo 3 - Guia de perguntas sobre as imagens

Observe a imagem atentamente e procure responder:

- O que você pensa sobre essa imagem?
- De onde você acha que ela é?
- Que características você percebe?
- O que a imagem lembra?
- O que provoca?

MITOLOGIA YORUBÁ



“O DIA EM QUE O ARCO-ÍRIS ESTANCOU A CHUVA”, REGINALDO PRANDI

Quando havia escravidão em nosso país, milhares de africanos que pertenciam aos povos iorubás foram caçados e trazidos ao Brasil para trabalhar como escravos. Assim como outros africanos aqui escravizados, os iorubás, que também são chamados nagôs, trouxeram seus costumes, suas tradições, seus deuses, os orixás. E, até hoje, muitas dessas tradições dos antigos nagôs estão vivas, tanto no Brasil como na própria África. Fazem parte delas as histórias de Ifá.

Ifá, o Adivinho, aquele que conhece todas as histórias já acontecidas e as que ainda vão acontecer, conta que na antiga África negra, em tempos imemoriais, vivia a mais velha das mulheres, a mais antiga de todas. Ela era tão arcaica que até ajudou Oxalá a criar a humanidade, emprestando-lhe a lama do fundo do lago onde ela vive para que ele moldasse o primeiro ser humano. Apesar de velha, era mulher bela e formosa, era uma deusa, e Nanã era seu nome. Teve dois filhos, um muito bonito, o outro feio. O filho feio é conhecido pelo nome de Omulu, o outro, o belo, nós o chamamos de Oxumarê.

O príncipe Oxumarê usava roupas vistosas tingidas de todas as cores, que realçavam ainda mais sua beleza e o faziam invejado por todos. Onde quer que fosse, era sempre admirado por sua formosura e pelo luxo de seus trajes. Esse gosto pelas roupas alegres herdara do pai, conhecido como o homem da capa multicolorida. Contam muitas histórias sobre Oxumarê e dizem que ele costuma aparecer ora na forma de uma cobra, ora como o próprio arco-íris enfeitando o céu.

Pois bem, dizem que houve um tempo em que a Terra foi quase destruída pela Chuva. Chovia o tempo todo, o solo ficou todo encharcado, os rios pularam fora de seus leitos, de tanta água. As plantas e os animais morriam afogados, a umidade e o mofo se alastravam por todos os lugares, a doença e a morte prosperavam. A chuva é benfazeja, mas não pode durar para sempre, sabia muito bem Oxumarê. Então, o jovem filho de Nanã, que nunca tinha tido simpatia pela Chuva, apontou seu punhal de bronze para o alto e com ele fez um grande corte em arco no céu, ferindo a Chuva e interrompendo sua ação.

A Chuva parou de cair e alagar tudo aqui embaixo, e o Sol pôde brilhar de novo, refazendo a vida. Desde então, quando chove em demasia, Oxumarê risca o céu com seu punhal de bronze para estancar as águas que caem das alturas. Quando isso acontece, todos podem ver o belo príncipe no céu vestido com suas roupas multicoloridas. Todos podem vê-lo na forma do arco-íris. Na língua africana de Oxumarê, aliás, seu nome quer dizer exatamente isso: o Arco-Íris. Quando não está chovendo, Oxumarê vive na Terra.

Muitos dizem que Oxumarê foi posto no firmamento por sua própria mãe Nanã, a Sábia, para que, de lá do alto, todos pudessem admirar sua beleza. Dizem também que foi por causa de sua formosura que Oxumarê acabou transformado numa cobra. Tudo porque Xangô, o Trovão, rei da cidade de Oió, encantou-se com as cores do Arco-Íris. Para poder admirar Oxumarê quando bem quisesse, Xangô planejou aprisioná-lo para sempre. O rei Trovão chamou Oxumarê em seu palácio e, quando o jovem príncipe entrou na sala do trono, os soldados do rei fecharam todas as portas e janelas.

O príncipe das cores não podia fugir de Xangô, estava encurralado, preso, impedido de subir ao firmamento. Oxumarê ficou desesperado. Quem estancaria a Chuva, se ele permanecesse preso? Quem salvaria a humanidade da fúria das águas? Quem impediria as enchentes, as enxurradas destruidoras, as avalanches de terra encharcada? Quem frearia a destruição das colheitas por excesso de água? Quem livraria o homem da fome, da morte?

Oxumarê, o Arco-Íris, implorou a Olorum. Olorum, o Senhor Supremo, ouviu o prisioneiro e, com pena dele, transformou-o numa cobra. A cobra então deslizou pelo chão da sala do palácio e, com facilidade, escapou pela fresta sob a porta. Ficou livre para sempre.

Por isso Oxumarê vive no firmamento e vive no solo. Vive no Céu e na Terra. Ele é ambíguo, é misterioso. Temos medo quando o vemos rastejar pelo chão feito um réptil asqueroso, e nos encantamos com suas cores luxuosas esparramadas em arco no horizonte. Ele é o príncipe-serpente, a cobra que rasga o céu. É o Senhor do Arco-Íris.

OLORUM

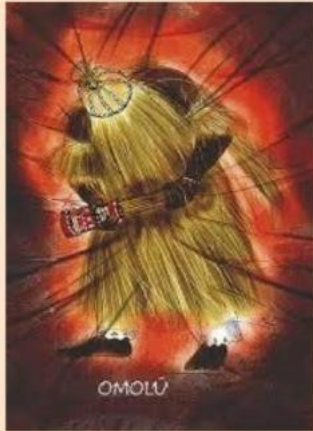
Ser Supremo. Para Ele não existe culto direto e nem templo individual. De acordo com os mitos da criação yorùbá, ele delega poderes aos Orixás.



IFÁ: PORTA-VOZ DE ORUNMILÁ

Orixá do conhecimento oculto e da sabedoria, senhor dos destinos, rege o plano onírico. É aquele que tudo sabe e tudo vê. Rege os oráculos.

OMULU OU OBALUAYÊ



Filho de Nanã, irmão de Oxumarê, sua figura é cercada de mistérios. A Ele é atribuído o controle sobre todas as doenças, especialmente as epidêmicas.

Esse poderoso orixá tem tanto o poder de causar a doença como pode possibilitar a cura do mesmo mal que criou.



XANGÔ

Orixá da justiça, dos raios, trovões, grandes cargas elétricas e do fogo.



OXALÁ

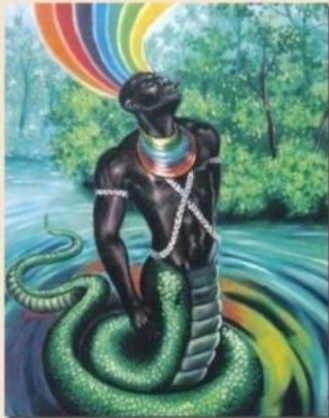
É o orixá associado à criação do mundo e da espécie humana.



NANÃ

Orixá das chuvas, dos mangues, do pântano, da lama, senhora da morte.

O Orixá segura um Ibiri, que tem finalidade de afastar os espíritos (eguns) para o seu espaço sagrado, e eliminar as energias negativas da comunidade, proporcionando a longevidade.



OXUMARÊ

Orixá cobra/arco-íris, símbolo da continuidade e da permanência. Representa a riqueza e a fortuna. Rege o princípio da multiplicidade da vida, transcurso de múltiplos e variados destinos.

Anexo 5 - “Odo Xererê, Odoyá, Iemanjá”, de Esmeralda Ribeiro

“Odo Xererê, Odoyá, Iemanjá”, de Esmeralda Ribeiro

- (1) Mãe de todos os orixás
- (2) protege a qualquer custo os nossos filhos
- (3) da faxina racial
- (4) é dia, é noite, não tem hora
- (5) pra ofertamos velas e flores
- (6) em seus caixões.
- (7) Há homens que saem às ruas pra brincar
- (8) mas o tiro ao alvo é pra matar
- (9) depois vêm com mimos que vão apurar
- (10) depois, só nós sabemos quantas ondas tem o nosso Mar.

(11) Há homens que formam quadrilhas

(12) vestidos de Deus supremo

(13) fecham o círculo

(14) e no centro estão aqueles de pele escura

(15) na roleta-russa acidental

(16) quem roda pra sempre

(17) são as nossas emoções.

(18) Odo xererê, Odojá

(19) “oh, Iemanjá, venha nos ajudar/ oh minha Mãe Iemanjá, com sua luz divina / Venha nos ajudar...”

Anexo 6 - Roteiro de perguntas para interpretação do poema de Esmeralda Ribeiro

- Quem seriam os “homens que saem às ruas” (linha 7)?

- Quem poderia ser o “alvo do tiro” (linha 8)?

- Quem são os “homens que formam quadrilhas”?

- O que seria a “roleta russa acidental” (linha 15)?

Anexo 7 - Atividade de produção textual sobre a cultura afro-brasileira hoje

Partindo das discussões feitas até o momento, produza um texto em que você se posicione sobre as seguintes perguntas:

a) o que conhecemos da cultura afro-brasileira hoje?

b) que imagem temos dessa cultura?

c) como ela normalmente é representada no discurso das pessoas?

d) quais as consequências dessa imagem para essa cultura e para as pessoas que dela fazem parte?

Anexo 8 - “África mãe”, de ElioFerreira

“África mãe”, de ElioFerreira

1

África-Mãe do primeiro AMOR,
África-Mãe do primeiro DEUS,
África-Mãe da primeira MULHER,
África-Mãe do primeiro HOMEM,
África-Mãe de todos os POVOS,
África-Mãe da RAÇA HUMANA.

O meu avô e a minha avó

viviam felizes na África:

ele era o rei,

ela era a rainha,

um outro súdito.

Um era sacerdote e curandeiro,

o outro guerreiro.

O meu avô e a minha avó

viviam felizes na África:

um era cirurgião, o outro inventor

e ferreiro,

um outro poeta, cantor

ealabê.

O meu avô e a minha avó

viviam felizes na África:

um era mineiro, o outro babalorixá,

um outro alufá.

Um era lavrador e vaqueiro,

o outro oleiro.

O meu avô e a minha avó

viviam felizes na África:

uma era professora, a outra flandreira,

uma outra costureira.

Uma era rendeira, a outra doméstica

e comerciante.

O meu avô e a minha avó

viviam felizes na África:

um era marinheiro, o outro advogado

e historiador.

Um era carpinteiro e pedreiro,

o outro construtor.

O meu avô e a minha avó

construíram as Américas,

O meu avô e a minha avó
construíram o Brasil.

2

O meu avô e a minha avó
foram escravizados na Europa,
e a Europa ficou rica,
e os ricos da Europa ficaram + ricos.

O meu avô e a minha avó
foram escravizados nas Américas,
e os colonos das Américas ficaram ricos,
e os filhos,
e os netos,
e os tataranetos
dos colonos ricos das Américas ficaram + ricos
+ podres-de-rico
+ podres.

O meu avô e a minha avó
construíram as Américas,
o meu avô e a minha avó
construíram o Brasil.

Anexo 9 - Trecho de “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna

A benção do cachorro

Padre - Que que tá acontecendo aqui?

Chicó - Mandaram avisar que é para o senhor não sair, porque vem uma pessoa trazer um cachorro para o senhor benzer.

Padre - Para eu benzer?

Chicó - Sim.

Padre - Um cachorro?

Chicó - Sim

Padre - Que maluquice, que besteira!

João Grilo - Cansei de dizer a ele que o senhor não benzia. Benze porque benze, vim com ele.

Padre - Não benzo de jeito nenhum.

Chicó - Mas padre, não vejo nada de mal em se benzer o bicho.

João Grilo - No dia em que chegou o motor novo de Antônio Morais o senhor não benzeu?

Padre - Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze cachorro é que eu nunca ouvi falar.

Chicó - Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

Padre - É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro.

João Grilo - É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é benzer motor de Major Antônio Morais e outra é benzer cachorro de Major Antônio Morais.

Padre - Como?

João Grilo - Eu disse que uma coisa era motor e outra era cachorro de Major Antônio Morais.

Padre - E o dono do cachorro é o Major Antônio Morais?

João Grilo - É, eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o Major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui forçado a obedecer; mas disse a Chicó: padre vai se zangar.

Padre - Zangar que nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

João Grilo - Quer dizer que benze, não é?

Padre ao Chicó - E você, o que é que acha?

Chicó - Eu não acho nada demais!

Padre - Nem eu, não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturinhas de Deus!

João Grilo - Então fica tudo na paz de Deus, com cachorro benzido e todo mundo satisfeito.

Padre - Diga ao major que venha. Eu estou esperando! (padre entra na igreja)

Chicó - Que invenção foi essa dizer que o cachorro é de Major Antônio Morais?

João Grilo - Era o único jeito do padre prometer que benzia. Tem medo da riqueza do Major, que se pela. Não viu a diferença? Antes era que besteira! Que maluquice? Agora, não vejo mal nenhum em se benzer as criaturas de Deus!

Chicó - Isso não vai dar certo! E havia a necessidade de inventar que era empregado de Major Antônio Morais?

João Grilo - Meu filho, empregado de Major e empregado de um amigo de Major é quase a mesma coisa. O padeiro vive dizendo que é amigo do homem.

Chicó - Mas tu não tinha nada de butar Antônio Morais na história, João!

João Grilo - E você, deixe de conversa, nunca vi homem tão mole como tu! O Padeiro mandou tu arrumar um padre para benzer a cachorrinha e eu arrumei, que que tu quer mais?

Chicó - E agora tu vai ficar jogando na cara os favores? E os favores que já te fiz?

João Grilo - Só fiz isso porque quero me vingar dos dois.

Chicó - Dos dois? Quem?

João Grilo - Fiquei doente em cima de uma cama, nem água me deram para beber. Sempre trabalhei com gosto sentido o cheirinho do pão no forno, comendo só as migalhas... Além disso, tu sabe muito bem que a mulé do padeiro engana ele.

Anexo 10 - Varal literário

